

# CRÔNICAS DA CIDADE: VIVÊNCIAS TRANS, DE GÊNEROS, DE TEATROS, DE TRÂNSITOS

Herbert de Proença Lopes (Mestrado em Psicologia –UNESP/Assis)  
Prof. Dr. Wiliam Siqueira Peres (orientador)

## RESUMO

O que acontece quando a travesti anda na rua? Como @ artista de rua é vist@ em seu trabalho? Quais reações são provocadas pela ocupação da rua por travestis e transexuais na ação do teatro? Estas são algumas questões que orientaram a intervenção teatral “Crônicas da Cidade”, da Cia. Teatro de Garagem, de Londrina. Todas trazem reflexões sobre a rua e sua ocupação contraditória feita por diferentes personagens. A tarefa aqui proposta é de problematizar os elementos trazidos à cena: expressões de travestilidades e transexualidades, experiências teatrais de rua na cidade de Londrina e a ocupação do espaço público. Estes elementos são transversalizadas com debates teóricos sobre (trans)contemporaneidade e perspectivas *queer* para pensar a posição de sujeitos(as) diante das crises de paradigmas vividos na atualidade. Os sinais destas crises são evidenciados pela emergência de novas figurações e discursos e práticas de gêneros, sexualidades e desejos. Formas de vida que questionam modelos identitários pautados em normas regulatórias que sustentam violências cotidianas contra formas de vida que não se enquadram em tais modelos. Esta proposta alinha-se a posicionamentos de contestação à reprodução de concepções de sujeito(a) e subjetividade que negam às expressões de vida dissidentes o direito a ter direitos.

Palavras-chave: travestilidades e transexualidades, subjetividade, teatro de rua

## INTRODUÇÃO

O que acontece quando a travesti anda na rua? Como @<sup>1</sup> artista de rua é visto em seu trabalho? O que ocorre do encontro/choque de diferentes bandeiras na rua, como palco das atuais manifestações políticas? Misturando um pouco: quais reações são provocadas pela ocupação da rua por travestis e transexuais na ação do teatro? E quais as palavras e bandeiras políticas do ativismo trans ecoam nas ruas em manifestações públicas?

Estas são algumas questões que orientaram a intervenção teatral “Crônicas da Cidade”, da Cia. Teatro de Garagem, de Londrina, da qual fazemos parte. Todas trazem questões sobre a rua e sua ocupação contraditória feita por diferentes personagens. A rua<sup>2</sup>, palco de apresentações teatrais, é assumida aqui como foco de tematizações

---

<sup>1</sup> A forma @ será utilizada para as possíveis flexões de gênero, como tem sido difundida por parte de pesquisador@s no campo de estudos dos gêneros.

<sup>2</sup> Seguindo os posicionamentos defendidos pela Rede Brasileira de Teatro de Rua, da qual participa a Cia. Teatro de Garagem e o Movimento de Artistas de Rua de Londrina (da qual ambos coletivos participam), consideramos neste trabalho a noção de “rua” como qualquer espaço público onde se faz o “teatro de rua” na sua forma pública, sejam vias públicas, praças, ou qualquer lugar onde é possível a troca entre as pessoas ocasionada pela atividade cultural. A ideia de “arte pública” é definida por Amir Haddad (2011) como uma arte que se faz para todos e não necessita de cobrança.



transversais, dada sua ocupação por diferentes personagens reais do cotidiano: artistas de rua, travestis e transexuais, manifestações políticas...

Recorrer a esta experiência faz parte do exercício proposto neste texto. Na tarefa de problematizar relações entre travestis e transexuais, experiências teatrais de rua, transcontemporaneidade e perspectivas *queer*, a aposta que se faz é trazer-los todos à cena! Misturar elementos do debate teórico realizado nestes contextos, com elementos de experiências práticas sobre temas de pesquisa no mestrado em Psicologia, em desenvolvimento.

Essa proposta de discussão não é nada *inocente*, pelo contrário. Caminha ao lado de posicionamentos éticos, estéticos e políticos de contestação nas produções científicas de reprodução de modelos de sujeitos e subjetividades que negam expressões dissidentes dos tradicionais quadros explicativos sobre a experiência humana, ou as delimitam pelos estatutos de patologias. Especificamente sobre o tema das travestilidades e transexualidades, estes posicionamentos se levantam contra práticas científicas que corroboram com processos de estigmatização e discriminação, por não considerarem o múltiplo e a diferença constituintes dos processos de subjetivação. Nesse caso, as experiências que transbordam das formas padrão, trazem potentes elementos para a reconfiguração dos próprios códigos de produção de conhecimentos.

## 1. PERSPECTIVAS TRANSCONTEMPORÂNEAS

A emergência de novas expressões e figurações de existência do ponto de vista da polifonia e multiplicidade constituintes dos processos de subjetivação, segundo Rosi Braidotti (2006), se configura como um imperativo para teóricos e teóricas reconhecerem sua própria situação e suas práticas dentro desse esquema complexo atuante na contemporaneidade. A crise de paradigmas e de valores representa uma abertura para novas possibilidades de produção de conhecimentos/práticas, na medida em que exigem criatividade teórica e política. Novos projetos epistemológicos são atravessados por preocupações éticas sobre as marginalidades geradas e mantidas por modelos de dominação presentes no campo das ciências.

Queremos destacar que a perspectiva teórica da subjetividade que tratamos aqui, não implica em posse ou refere-se a uma concepção individuada de sujeito, fruto de uma versão universalizante e essencialista da experiência humana. Queremos recorrer às posições de *sujeit@s* a partir da ótica da processualidade que, como expressas por Braidotti (2006) na problematização dos fenômenos contemporâneos, podem ser consideradas como as de sujeitos nômades. O nomadismo é pensado como elemento de composição de posições subjetivas propiciadas na transcontemporaneidade (*ibidem*), na contraposição com a noção de *sujeit@* *individua@d* idealizado pelo pensamento moderno. São materializações que produzem diferentes formas de sentir e estar no mundo, diferentes posições nas composições de expressões de existência, diferentes temporalidades e historicidades, enfim, diferentes paradigmas para a problematização sobre a produção das pessoas e realidades atuais.

A partir da problematização acerca da transcontemporaneidade, procuramos considerar os processos de subjetivação que atravessam os modos de vida de travestis e transexuais a partir de olhares que favoreçam as noções de processualidade destacadas. Nesse sentido, pensar as travestilidades e transexualidades, sobre perspectivas *queer*,



envolve a desconstrução dos códigos que agem na materialização dos corpos, dos gêneros e sexualidades. O campo teórico e político que se denominou aqui de perspectivas *queer* contribuem para a problematização dos processos de construção de corporalidades, gêneros e sexualidades. O termo *queer* em questão, refere-se ao que é “estranho” nesse processo: às expressões desviantes das normas sociais que regulam a materialização dos gêneros e que, por esta razão, abalam as estruturas normativas que tentam determinar quais expressões são válidas e quais não são.

Para Judith Butler (1999), a materialização dos gêneros não é um processo causal iniciado no sujeito. É, antes, um processo temporal que atua através da reiteração de normas. Nesse sentido, não nos parece interessante pensar em como os gêneros são construídos a partir da interpretação do sexo (como um dado da natureza humana). Antes, haveremos de problematizar como são os próprios gêneros constituídos através de relações e a partir da materialização das normas regulatórias.

Este mesmo processo cria não somente humanos, produz também o mais e o menos humano, o inumano, o humanamente impensável, e neste sentido, prossegue Butler (1999), “esses locais excluídos vêm a limitar o ‘humano’ com seu exterior constitutivo e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação” (p. 161). Corpos pensáveis e impensáveis, experiências de vida inteligíveis e ininteligíveis. Borrar as fronteiras de inteligibilidade da materialização dos gêneros, envolve borramento de outros códigos na produção dos sujeitos e, insistindo na provocação, inclusive no campo das produções científicas. Resistir à domesticação acadêmica compõe parte das impertinências *queer* em suas propostas de problematizações sobre a constituição dos sujeitos, dos gêneros e das sexualidades (AZEREDO, 2010).

Nesse sentido, olhares sobre as noções de trânsito e transitoriedade que constituem as perspectivas que queremos destacar neste trabalho, nômades, abarcam as discussões sobre as transgeneridades em diferentes aspectos. Trânsitos entre os gêneros, embaralhando os códigos das definições regulatórias, trânsitos que se colocam na relação sujeito@-objeto@ e pesquisador-pesquisad@s no percurso da pesquisa em andamento, trânsitos que se desenham na discussão entre as áreas de práticas psicossociais e práticas teatrais (considerando as diversidades que compõem ambos os campos), trânsitos entre os jogos de linguagens de diferentes contextos.

Trânsitos como estabelecidos entre @ artista e espectador(a) do teatro de rua, atravessados pelo cotidiano das relações que se entrecruzam na rua e que produzem interações que não se fazem em mão única, mas compostas por múltiplos encontros e de maneira não linear.

## 2. O(S) ENCONTRO(S) COM O COLETIVO ELITYTRANS

Envolto no tema das travestilidades e transexualidades, montei um projeto de pesquisa para estudar como se desenvolve a luta pela despatologização no Brasil. Este estudo seria feito a partir de análises teóricas e acompanhamento do desenvolvimento político desse tema no movimento LGBT. “Seria interessante entrevistar ativistas trans.” – Mas quem? No entremeio das definições de pesquisa, soube do surgimento de um coletivo de travestis e transexuais em Londrina denominado de Coletivo ElityTrans. Era muito animador pois havia encontrado @s sujeito@s da pesquisa!



O desejo de construção deste projeto de pesquisa transitou: do conhecimento-totalidade para a construção de uma perspectiva situada; do projeto pela despatologização e suas ressonâncias no movimento LGBT brasileiro, para as experiências singulares que resistem, no cotidiano, às formas de patologização. A partir das possibilidades de interação que foram sendo construídas, passamos a pensar como uma experiência local e situada tem a aprender, dizer e colaborar com a luta pela despatologização.

De forma surpreendente, no entanto, o encontro com @s “sujeit@s” da pesquisa fizeram ativar outra potência em mim: a de ator (não a de psicólogo, como via traduzida a identidade carimbada na proposta de pesquisar). As questões de pesquisa que fazia sobre o tema foi mudando ao passo que lidava com sujeit@s concret@s. Havia um desejo inicial de “cercar” o objeto de pesquisa (metáfora que parece estratégia militar), no sentido de abarcar, dar conta, enfim representar este objeto em seus recortes necessários. O desejo, entretanto, foi alterando-se e compondo outros quadros.

Começamos a fazer oficinas de experimentação teatral junto ao ElityTrans e a conversar sobre o que @s participantes buscavam através do teatro. A proposta trazida nas primeiras oficinas era criar um espetáculo que falasse sobre as experiências de travestis e transexuais, mas de forma diferente da que se viam retratadas na mídia e em algumas produções artísticas e acadêmicas. A ideia fundamental era retratar as belezas e alegrias, não somente os sofrimentos da vivência trans. Essa proposta tinha um sentido pessoal: o de criar novos significados para as histórias de vida e queriam fazê-lo pela via do teatro.

Nossas experiências com as oficinas eram algo além de exercícios teatrais. Foram situações de compartilhar experiências, sonhos, afetos, projetos de vida e direitos. Histórias foram contadas, histórias de vida, histórias de travestis que já morreram, histórias do ativismo trans na cidade. As contações de histórias permitem a ampliação dos universos de referências existenciais de cada uma d@s participantes em particular e do coletivo enquanto dispositivo de luta política e emancipatória.

As histórias nos testemunham e, ao nos espelhar, podemos ver traços do que somos e do que criamos ser ao contá-las. “Nos tornamos as histórias que contamos” (SPINK, 2008, p. 70). Nas histórias vividas por elas, nestas narrações havia uma teatralidade própria e bastante genuína. Encantava-me aquele tipo de performance vinda de outras referências e formatos criativos.

Junto com as histórias contadas, muitas reflexões, questionamentos, marcas de violências e abusos, conflitos na família, formas com que a força das normativas nos atinge, dores e delícias que os desvios proporcionam, enfim, uma série de conteúdos “psicologizantes”, mas que, se ampliados com outros olhares que possam diminuir os reducionismos *psi*, podem se conectar com outras dimensões da existência.

Estava de frente com uma experiência local de um coletivo – que já não era uma, mas muitas. Em contato com certas expressões de travestilidades e transexualidades, específicas e múltiplas. De frente com problematizações acerca de uma Psicologia e uma prática teatral – e que já eram muitas. Propondo o debate sobre as inter-relações que estabelecia com o grupo e com o teatro e com a psicologia. Enfim, de que objeto estava falando? Acompanhar processos.

Encontramos pistas para pensar estas experiências que estavam sendo construídas, orientadas epistemologicamente pela perspectiva dos “saberes localizados” de Donna Haraway (1995). Trata-se de uma política de pesquisa, uma



práxis micropolítica carregada de parcialidade. Consiste em pensar a produção de conhecimento como sendo necessariamente limitada e parcial, sem pretensão de universalização, mas de estabelecer conexões parciais, interlocuções entre diferentes comunidades interpretativas. Nas palavras de Haraway (1995), “uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver” (p. 24).

A autora insiste nos sistemas de visão que, de fato, estão em jogo nos modos de produção científica tradicionais. Através das ideologias de objetividade e neutralidade científicas, garantem ao cientista um “olhar de fora”. Representam, assim, a capacidade de totalização do que pode ser visualizado pelo pesquisador, o “olho de deus” (Ibidem, p. 24). Não é possível olhar de todos os lugares, e a falsa noção de totalidade só é garantida às custas de outros olhares (en)cobertos por vetores verticais de hierarquização.

“Com os olhos de quem foram construídos meus olhos?” questiona a autora (Ibidem, p. 25) em relação aos esquemas de visão que organizam os sistemas de conhecimentos. Na linha de posicionamentos de que apenas a perspectiva parcial promete uma visão objetiva, e do reconhecimento da violência implícita nas práticas de visualização nos jogos da ciência, procuro respaldo em perspectivas situadas que podem ser visibilizadas em experiências localizadas. Tal posicionamento reconhece a implicação e participação efetiva do pesquisador nos contextos de pesquisa. Mais especificamente, envolve-o nas problemáticas ético-políticas de tais contextos afastando-se da ilusão de neutralidade. A partir da aposta na construção de um conhecimento limitado, “podemos nos tornar reponsáveis pelo que aprendemos a ver” (Ibidem, p. 21).

Na busca por uma forma responsável de pesquisa, surgem algumas perguntas: de que maneira contribuir com os lugares e pessoas que pesquisamos? Como evitar uma postura tão recorrente e criticada sobre certas práticas de pesquisa, acusadas de usurpar saberes sem oferecer nada em troca?

É preciso “tirar as travestis das páginas policiais e trazê-las para as teses” (*sic*), disse uma das fundadoras e participantes do ElityTrans, quando compartilhei o projeto de pesquisa carregado por essas preocupações. Na redação deste texto, passa-me pela cabeça continuar problematizando junto. Pois é necessário, ainda, que as travestis ocupem as teses e dissertações fora dos quadros de estudos de caso ou das formas mais ou menos violentas de patologização. São lugares reforçados pelos aspectos desviantes que são tomados como parte da composição dos objetos estranhos a serem pesquisados, analisados, esquadrinhados e, por fim, cartografados.

Defendemos posicionamentos favoráveis à visibilização destas expressões de gêneros façam eco nos processos de produção de conhecimento. Como perspectivas feministas, não somente por posicionar-se criticamente em relação ao modelo científico heteronormativo e reducionista, mas por compartilhar inquietações acerca deste mundo possível a ser criado nas nossas práticas políticas. Como aposta Haraway (1995) em vias de construção de um “conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados por eixos de dominação” (p. 24).



### 3. INTERVENÇÕES CÊNICAS ATUANDO COMO CRÔNICAS DA CIDADE

A experiência teatral com o ElityTrans passou a compor-se da criação de intervenções artísticas, ações teatrais pensadas como modos políticos de ação. Cenas criadas para compor os quadros de manifestação política e de ativismo que eram compartilhados com o Coletivo.

Em setembro de 2012, o Coletivo ElityTrans, em parceria com o Movimento de Artistas de Rua de Londrina (MARL) organizou o “Ato Diversidade Colorindo a Cidade”. O ato foi realizado numa praça pública em protesto a pichações homofóbicas que manchavam a paisagem da praça – “Fora viados!” e “100% HOMOFOBIA”. Ironicamente, o ato foi interrompido pela repressão da Guarda Municipal que acusou os manifestantes de dano ao patrimônio público. Isto porque desenhávamos, com tinta guache, outras imagens sobre as frases de ódio escritas nos muros. Desta experiência, como um exercício livre de teatro-jornal<sup>3</sup>, surge uma cena teatral sobre a intervenção da Guarda Municipal quando do encontro com ativistas.

Em outubro de 2013, a cena criada foi apresentada em outro evento, chamado Cabaré Diversidade Londrina. Este evento foi realizado na Concha Acústica, espaço público da cidade. Foi organizado pelo Coletivo ElityTrans em parceria com o MARL e outros coletivos e organizações da cidade (movimento negro, coletivos feministas, ativistas da área cultural, entre outros). O objetivo era trazer visibilidade para as problemáticas das diversidades sexuais e das violências de gêneros, além do exercício de ocupação dos espaços públicos.

O Cabaré, evento para “celebrar a diversidade em Londrina”, terminou com rojões atirados de um conjunto de prédios domiciliares localizado em frente ao local do evento, que acertaram participantes do evento. Houve repercussão na imprensa local e o Ministério Público foi acionado pelo coletivo, em parceria com outros movimentos. Os dois eventos realizados geraram diferentes conflitos que foram reapresentados em intervenções teatrais.

Do Cabaré, surge a intervenção “Crônicas da cidade”, outro exercício livre de teatro jornal. Coloca em cena os personagens: o “Cidadão Cinza” e esposa “Luzia”, o “casal de bem” para dialogar com a “Vândala”, ativista trans. No processo de criação, a cena representou uma tentativa de criar imagens sobre os anônimos cidadãos que apoiam a ação de repressão da Guarda Municipal ou que atiram rojões sobre um evento artístico em local público. Fizeram-nos refletir não somente sobre as estratégias extremadas que a repressão utiliza, mas em como essas práticas encontram-se aliadas às formas cotidianas de produção de transfobias, lesbofobias e homofobias. As dificuldades de conviver com as diferenças; de conviver com as diversidades humanas; os incômodos gerados com a arte na rua, recebida como um barulho que incomoda os ouvidos; as desconexões com a coletividade enquanto espaços que geram existências; as exigências do individualismo, inflexível e intolerante; as armadilhas do neoliberalismo,

---

<sup>3</sup> O teatro-jornal é uma técnica do Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal (1931–2009). Foi desenvolvida durante a ditadura militar para trazer à cena os detalhes e olhares ocultados nas matérias e reportagens pela ação da censura. Também é caracterizada por explicitar as manipulações dos meios de comunicação. O “exercício livre” tratava-se de experimentar a narração dos fatos cotidianos, explicitando as diferentes formas de visibilidade midiática frente a determinados assuntos. Mais informações sobre o Teatro-jornal podem ser encontradas no site do Centro do Teatro do Oprimido: <<http://ctorio.org.br>>.





as violências do Estado, enfim, uma série de questões e reflexões. “Tudo isso é prova de uma coisa”, afirma a atriz-participante, “a gente tá incomodando!”.

As formas de teatralidade que encontramos nas nossas trocas com as travestis e transexuais do coletivo nos acenava para a existência de outras estéticas e estariam se referindo a modos de singularização processadas nas composições de gêneros que buscam ultrapassar modelos regulatórios das expressões de vida. Nosso encontro potencializou uma pesquisa cênica em suas relações com a ocupação dos espaços públicos e da necessidade e visibilizar as expressões de vida de travestis e transexuais.

As vivências teatrais são formas de denominar as práticas de experimentação teatral compartilhadas com o Coletivo ElityTrans. Faz parte dos objetivos desta pesquisa, desenvolver olhares mais sensíveis e objetivos - se considerarmos a objetividade encarnada da prática científica, pautada por uma ética responsável e emancipatória, para os dispositivos que tem sido criados com as participantes no processo desta pesquisa.

Nesse sentido, buscamos o encontro de vivências, definidas como formas de experimentação da vida que passam pelos corpos em conexões e que provocam afetações, alterações; mudanças nos modos de sentir e de estar no mundo. As vivências teatrais constituem-se numa espécie de brinquedos para se jogar, na ação teatral e na ação de pesquisa. Jogos-brinquedos-conceitos que são convidados a acompanhar os olhares sobre os processos de subjetivação, dispostos nas cartografias que pretendemos (junto com as participantes da pesquisa) desenhar nessa experiência. A roda se abre e nela se compartilha, jogando junto, a presença de outras vivências.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência teatral com o ElityTrans não foi construída com base em teorias teatrais ou psicológicas - para pautar os campos de ação. Foi resultado das maneiras que @s participantes demonstraram o desejo e se dispuseram no contato com o corpo-ação-movimento proposto por jogos e exercícios de experimentação teatral. As atividades propostas, fazem parte em um trabalho prático de pesquisa cênica, na Cia. Teatro de Garagem.

O grupo estuda as possibilidades estéticas e políticas do teatro de rua e em espaços alternativos, buscando ativar outros modos de relação com o público na tentativa de ampliação dos universos de referências das pessoas envolvidas nesta experimentação, assim como na produção, através da criação coletiva. Assim como o Coletivo ElityTrans, o grupo integra o Movimento dos Artistas de Rua de Londrina (MARL), e compartilha a ideia de “arte pública” procurando descobrir formas artísticas de luta pelos direitos.

Estes atravessadores, em relação às formas de aproximação entre teatro e psicologia, provocam certos questionamentos acerca do tipo de conexão que pretendemos quando pensadas na relação com @s participantes. As oficinas teatrais podem se tornar dispositivos que colocam em ação as vibrações instabilizadoras de anúncios de um não-conhecido, reverberações e contágios que são vivenciados nas experimentações teatrais, cenas que as provocam e são provocadas por elas.

Nesse sentido, queremos destacar que a pesquisa em andamento, além de carregar problematizações teóricas sobre os processos de subjetivação, especialmente,



quando pensadas nas expressões das travestilidades e transexualidades, se posiciona de maneira a acompanhar os fluxos de vida que se dispõem nos encontros proporcionados – no nosso caso – pelas experimentações teatrais. Além de procurar questionamentos sobre as conexões entre os campos da psicologia e do teatro, busca encontrar os atravessamentos ético-políticos que acompanham essa prática, no sentido de uma pesquisa que “faz sentido” e que contribui nos processos de organização dos coletivos em questão, para contribuir a criar imagens menos estigmatizadas sobre estes modos de vida que ajudem na luta pela garantia de direitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. **Ver. Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(1), p.175-188, jan.-abr. 2010.

BRAIDOTTI, Rosi. **Transposiciones:** sobre la ética nómada. Barcelona: Gedisa, 2006.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. Tradução: Tomás Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

HADDAD, Amir. **Arte pública.** Justificativa do Projeto de Lei Nº931/2011. Disponível em < <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro0711.nsf/> >. Acessado em 28/01/2015.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v.5 p.7-41, 1995.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia e Sociedade**, v.20, ed. esp., p.70-77, 2008.